

SAMAMBAIA, JERIVÁ, JUÇARA E HORTÊNSIAS

O “CARNAVAL DA MOITA” EM RIO BONITO DE CIMA,
LUMIAR, RJ

Cristina Maria Pape (Uerj)

Os moradores da vila de Rio Bonito de Cima de Lumiar realizam espontaneamente a cada ano o “carnaval da moita”, lembrando tradições de alguns cantões suíços. As fantasias são confeccionadas por eles próprios com plantas das matas. Neste primeiro relato sobre o tema, identificamos algumas relações dessas expressões com o carnaval que acreditamos ser a referência original.

**HOMEM MOITA; HOMEM SELVAGEM; CARNAVAL;
SERRA DO RIO MACAÉ; MATA ATLÂNTICA.**

PAPE, Cristina Maria Pape. Samambaia, jerivá, juçara e hortênsias: o “carnaval da moita” em Rio Bonito de Cima, Lumiar, RJ. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 55-68, nov. 2016.

FERN, JERIVÁ, JUÇARA AND HYDRANGEA

THE “CARNAVAL NA MOITA” IN THE VILLAGE OF RIO
BONITO DE CIMA, LUMIAR, STATE OF RIO DE JANEIRO,
BRAZIL

Cristina Maria Pape (Uerj)

The residents of the Village of Rio Bonito de Cima are descendants from swiss immigrants. They celebrate yearly a “Carnaval da Moita”. The costumes are hand made from local palm tree branches. My intention is to indentify the references this carnival has with the carnival traditions from the swiss cantons the original immigrants came from.

**BUSHMAN; WILDMAN; CARNIVAL; SERRA DO RIO
MACAÉ; ATLANTIC FOREST.**

PAPE, Cristina Maria Pape. Samambaia, jerivá, juçara e hortênsias: o “carnaval da moita” em Rio Bonito de Cima, Lumiar, RJ. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 55-68, nov. 2016.

HISTÓRICO

No século XIX, D. João VI negociou a imigração de suíços católicos e alemães luteranos para o Brasil, a fim de colonizar glebas em que hoje se localizam os municípios de Nova Friburgo, Cantagalo e Duas Barras, no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1820, vieram cerca de 300 famílias franco-suíças (JACCOUD, 1999) principalmente dos cantões Fribourg (que deu o nome à cidade de Nova Friburgo), Valais e Vaud, somando aproximadamente 2.000 indivíduos; e em 1824 chegaram os alemães evangélicos luteranos. As terras a eles destinadas foram divididas em 120 glebas e sorteadas, unindo pessoas desconhecidas entre si, muitas vezes na mesma casa. Os terrenos eram de péssima qualidade para o cultivo, e houve uma migração espontânea de algumas famílias para a serra do Rio Macaé, que hoje é pontuada por várias cidades e pequeninas vilas, como Lumiar, São Pedro da Serra, Aldeia Velha, Macaé de Cima, Benfica, Galdinópolis e Rio Bonito de Cima.

Curiosamente, só na vila de Rio Bonito de Cima se tem notícia do peculiar “carnaval da moita”, e os moradores mais velhos não possuem nenhuma informação sobre sua origem e de seus antepassados, embora pesquisas mostrem que aqueles que colonizaram Rio Bonito de Cima devem ter vindo de Fribourg e Valais. Ainda é difícil precisar quem exatamente migrou para a serra do Rio Macaé. Sabe-se que vieram da Suíça e todos, não importa a idade hoje, se lembram do carnaval desde a época da infância.

A vila se encontra em meio a montanhas com estradas de difícil acesso e não se desenvolveu muito, o que lhe garantiu, acreditamos, a preservação de algumas tradições e boa conduta nos costumes. Quase todos os habitantes são parentes, há muitos casamentos consanguíneos e índice de violência sem relevância.

Até o ano 2000 a vila não possuía eletricidade, e todos viviam à luz de velas e lampiões de querosene, o que provavelmente ajudou o carnaval a não sofrer influências externas.

O CARNAVAL DE EVOLÈNE (VALAIS, SUÍÇA)

As festas carnavalescas suíças atuais em Evolène, Valais, um dos cantões de origem dos imigrantes que colonizaram a serra de Macaé, RJ – um ponto de partida para as nossas pesquisas dado o conservadorismo europeu – mostram fantasias como a do *peluche* (peludo) e do *empaille* (empalhado). Confeccionadas com materiais comuns nos Alpes, como peles de animais (carneiros e ove-

lhas) para a primeira e palha e sacos de aniagem para a segunda, todas escondem o rosto com máscaras, algumas confeccionadas pelos próprios usuários, outras adquiridas. As fantasias de Evolène são previsíveis, porque são iguais todos os anos.

O carnaval de Evolène, assim como em várias outras cidades suíças, acontece majoritariamente durante o dia, e os fantasiados desfilam em cortejo ou espontaneamente e encenam agressões teatrais contra os passantes, com seus cajados ou vassouras (MEIER, 2014).

Dado o frio dos Alpes, durante o carnaval é natural que as fantasias sejam pesadas e grossas e que os aqueçam, caso contrário seu uso seria inviável.

O carnaval dos cantões suíços possui barracões (provisórios) onde ficam as fantasias dos *peluches*; são coletivos e neles não há segredos, talvez porque não há originalidade e esse não é um valor para as cidades alpinas. Os *empailles* também trabalham em grupo, até porque não lhes seria possível montar sozinhos as fantasias, dado o seu tamanho. Esconder-se por trás das máscaras não constitui uma questão para eles, mas podemos considerar que atualmente é um carnaval muito divulgado e uma atração turística. Certamente ainda os move o espírito lúdico, mas há também o interesse comercial para aquelas cidades suíças, já que o turismo (ROMAIN, 2015) é uma das fontes de renda.

CARNAVAL DA MOITA: RIO BONITO DE CIMA

Em Rio Bonito de Cima, o desfile de carnaval como um cortejo organizado não existe, e os palhaços andam simplesmente pela rua principal nas noites de domingo e segunda-feira de carnaval, e não há nenhum tipo de agressão teatral, como na Suíça.

Segundo moradores mais antigos da vila, hoje com idade entre 40 e 70 anos, quando não havia luz, que chegou na cidade em 2000, a diversão era maior, sem as influências da sociedade/estética moderna de massa, leia-se televisão. Poucos moradores trabalhavam em cidades maiores circunvizinhas.

Contam os antigos que uns poucos moradores colocavam seus lampiões a querosene na “praça” e só se ouvia o farfalhar das fantasias em movimento, que surgiam da escuridão, e todos levavam grandes sustos. Essa era uma das emoções e diversão do carnaval misto de mistério e medo.

AS FANTASIAS: REGRAS SUGERIDAS E CONFEÇÃO

A manifestação carnavalesca de Rio Bonito de Cima sempre tem novidades, e esta é a grande motivação dos fantasiados: a originalidade, desafio de confeccionar uma fantasia complexa e de grande beleza (Figura 1).

Embora haja quem se vista com tiras de plástico ou tecido, neste artigo tratamos exclusivamente daqueles que usam a vegetação local para confeccionar seus trajes. As fantasias aqui abordadas, portanto, são montadas com plantas da mata, dos pastos e dos jardins de Rio Bonito de Cima e são sempre de palhaço, transformando, assim, todos os fantasiados em palhaços.

Todos podem participar; basta querer vestir-se de palhaço e ter condições de concretizar os projetos das fantasias e com elas desfilar pelas ruas.

O resultado final varia muito de acordo com a habilidade de quem confecciona, de sua criatividade e disponibilidade de tempo. O custo dos trajes é praticamente nulo, pois a matéria-prima pode ser reciclada do ano anterior ou coletada na mata e nos jardins.

É comum uma fantasia ser descartada num galpão qualquer e, se lá ficar em boas condições, ter alguma parte usada no carnaval do ano seguinte.

As crianças também se fantasiam, e, obviamente, suas fantasias são leves. Geralmente os parentes auxiliam na montagem da fantasia, mas obedecem à regra do anonimato. Uma vez que a vila é muito pequena, não há risco de as crianças se perderem. Formam grupos ou duplas por conta própria (Figura 2), e a dificuldade de identificá-las é grande, já que ficam sem os parentes por perto.



Figura 1: Fantasias com samambaia, palmas de jerivá, juçara e hortênsias, 2009. Foto da autora.

Figura 2: Criança fantasiada com palma seca, folhas de quaresma e flores de *Canafistula* sp, 2009.
Foto da autora.



Fantasia mais elaboradas e grandes pesam muito, e quem as veste tem que ter bom porte físico. Apesar do peso, elas não podem ter rodinhas, nem sequer toscas, porque o terreno não permite – a rua é de terra – e muitas vezes os palhaços vêm de longe, de dentro da mata, quase sempre à noite e caminhando.

Se na Suíça o frio é afastado com fantasias grossas e pesadas, em Rio Bonito de Cima dá-se o contrário: fantasias grossas e pesadas implicam sentir muito calor. De fato, os fantasiados relatam que sempre suam muito e por isso precisam beber muito também – boa desculpa para o alto consumo de bebida durante o carnaval.

Nunca foi relatado o uso da vegetação da lavoura de mandioca ou inhame, grande fonte de subsistência da vila. Ocorre também que as folhas de cultivos possuem quase sempre exsudações leitosas que podem provocar coceiras ou irritação, então a escolha é criteriosa, porque deve atender aos desejos estéticos, à saúde e à viabilidade real de execução do “projeto”, termo usado para designar a fantasia.

Alguns palhaços carregam cajado, todos usam máscaras diabólicas, e o canudinho de refrigerante é praticamente uma obrigação, porque parte da brincadeira é beber nos copos ou garrafas dos não fantasiados.

Os palhaços começam a confeccionar suas fantasias de 10 a 15 dias antes da festa e não partilham informações com ninguém, mas podem trabalhar em dupla e eventualmente em grupo, o que, entretanto, é raro (Figura 3).



Figura 3: Grupo de palhaços com fantasias iguais, 2009. Foto da autora.

As fantasias geralmente são confeccionadas dentro da mata e por isso são utilizadas as plantas que crescem por perto, visto que seria fácil descobrir os esconderijos se transportassem plantas de locais distantes. Todos estão atentos à movimentação. Faz parte do processo e da diversão tentar descobrir esconderijos, quase sempre sem sucesso. Não há nenhuma chance de se revelarem os esconderijos ou falar sobre seus projetos de fantasias.

Outra das diversões é adivinhar quem é quem sob a fantasia. Após o término da festa, quase todos acabam por ser identificados, seja porque se embebedam e, esquecidos da regra do anonimato, se despem e caem no chão, seja porque abandonam suas fantasias em suas casas ou de parentes e voltam para a farra.

Durante o acontecimento, porém, não falam e não deixam sinais à mostra que os identifique, porque conseguir manter o anonimato até o fim da festa é também uma das diversões. Mas quem os identificaria? Os demais moradores e participantes não fantasiados.

Caso sejam descobertos, trocam de fantasias entre si em locais escondidos pela escuridão, desde que tenham tamanhos semelhantes, naturalmente. Como durante a festa eles também não sabem quem são os fantasiados, quando precisam trocar o fazem por ato espontâneo e não previsto. Ocorre-nos que isso possa ser um indicativo da solidariedade e convivência pacífica entre os habitantes.

Figura 4: Um palhaço sentado com um grupo de moradores, 2009. Foto da autora.



Particpei de um encontro com um palhaço muito gaiato e brincalhão, e os moradores tentaram identificar quem era, mas ele não falou e permaneceu anônimo (Figura 4).

Os palhaços circulam pela única rua central, entram nos bares e, se porventura a porta estiver aberta, nas casas dos moradores para beber, e a eles não se deve negar bebida.

Atualmente alguns vendem as fantasias a quem quiser comprar, o que os alegra sempre.

AS FANTASIAS: FORMAS E ESTRUTURAS

Observamos que formalmente as fantasias dos palhaços seguem a estrutura da(s) planta(s) utilizadas. A figura 5 mostra uma fantasia feita com *Monstera sp*, epífita (planta que usa outra como suporte) que se organiza de maneira semelhante à forma dada à fantasia. O mesmo ocorre com as folhas de *Papyrus sp* finos, que “escorrem” de seus talos (PAPE, 2016).

Aparentemente há uma relação íntima com os limites estruturais da fantasia e a vegetação utilizada. A fantasia da figura 6 foi feita com inflorescências de hortênsias, como se pode ver em Pape (2016), muito comuns na vila e em seu entorno. As flores foram presas a uma estrutura interna a fim de repetir a forma das touceiras que naturalmente se mostram durante a floração.

As hortênsias no verão do Rio de Janeiro já estão ressecadas, adquirindo cor pálida e muito facilitando seu uso nas fantasias, já que não quebram com facilidade. É interessante também observar que no topo da indumentária há um tufo de palmeira, feita com folhas pequenas de palmito juçara (*Euterpe edulis*) (figura 6) (PAPE, 2016).

A cada ano há um movimento informal entre os moradores para conscientizar todos de que o palmito nativo (juçara) e algumas orquídeas estão sob proteção ambiental e ameaçadas de extinção. Em relação às orquídeas os danos ainda



Figura 5: Palhaço com fantasia confeccionada com *Monstera sp* (costela-de-adão), 2009. Foto da autora.

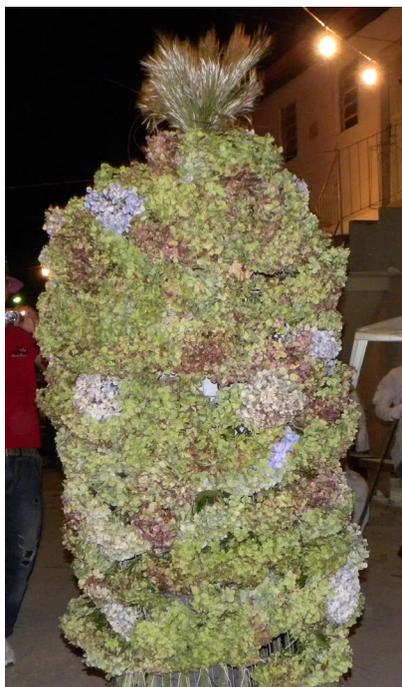


Figura 6: Fantasia com flores de hortênsias montadas sobre estrutura rígida, Rio Bonito de Cima, 2009. Foto da autora.

são grandes, mas com o palmito, usam folhas que já não afetam mais o desenvolvimento da planta (Figura 7).

O CONCURSO

Eventualmente há um concurso promovido desde a década de 1980 por um sitiante que (até ser proibido pela Anvisa) vendia plantas medicinais coletadas nas matas pelos moradores e agricultores, grandes conhecedores de ervas medicinais; devido a sua profissão, ele fez muitos amigos na vila. Interessado pela cultura local, pesquisou a origem do carnaval da moita, que identificou com as manifestações suíças atuais e relacionou com os imigrantes colonos da vila. A fim de ajudar a preservação dessa manifestação carnavalesca, resolveu promover esporadicamente um concurso cujo prêmio tanto pode ser um valor simbólico em dinheiro ou um objeto fruto de doações. Para ele, o importante é o impedimento de concorrer aqueles que confeccionam suas fantasias com materiais que não sejam a vegetação. Na hora de receber os números para participar, entretan-

Figura 7: Fantasia com palmas de juçara e de jerivá, e, em segundo plano, um palhaço com roupa de plástico, 2009. Foto da autora.



to, todos acabam concorrendo. A própria comunidade não reconhece a possibilidade de exclusão.

A proposta que delimita o tipo de fantasia é bem aceita porque incentiva uma produção maior de palhaços da moita, e esse é o objetivo maior do concurso.

Quem quiser participar recebe um número que prende em um cordão pendurado ao pescoço, mantendo sempre o anonimato e passa na frente dos jurados quando o número é anunciado em voz alta. Há uma pequena área aberta no centro da vila chamada de praça, onde fica um barracão coberto para guardar caminhões de muitos eixos. No dia do concurso eles são retirados, e o espaço é liberado para, em caso de chuva, ali ser realizado o evento e para reunir os jurados. Se entenderem que devem fazer palhaçadas, danças, o que quiserem, a liberdade é total. Quando um ou dois ganham o prêmio, ainda assim, ficam anônimos. Ninguém é identificado.

Muito embora o concurso possa parecer uma ação externa à comunidade e acontecer só esporadicamente, a verdade é que ajuda a estimular a confecção de fantasias. Ele pode ser proposto também de última hora, ou seja, uns poucos dias antes da festa. Melhor estar preparado.

A escolha dos jurados é feita por simpatia ou sugestão dos próprios moradores presentes que se conhecem. Às vezes um(a) morador(a) mais ativo(a) capitaneia essa escolha. A liberdade é grande, e o concurso é uma grande diversão promovida por todos, palhaços e jurados.

APROXIMAÇÃO COM OS PALHAÇOS

A aproximação com os palhaços acontece no dia a dia da vila. Quase todos os moradores, principalmente os homens, já foram palhaços um dia, e agora, aos poucos, as mulheres participam mais. Nosso contato é feito com o morador diariamente e não durante a festa. No carnaval eles não conversam, não falam com ninguém para não ser identificados.

Há mais de 11 anos frequento a vila, e aos poucos fui conhecendo alguns moradores que são bastante reservados com os de fora, os sitiantes, como nos chamam, fenômeno não raro entre imigrantes e habitantes locais, haja visto ser eu descendente de alemães de Santa Catarina.

Mantendo relação respeitosa e atenta aos limites de cada um, entrei na comunidade por intermédio de meu marido, que é sitiante no local há mais de 40 anos. A vila o conheceu ainda muito jovem, sendo um dos primeiros cidadãos a ir para lá. Obviamente que os moradores o têm em boa conta. Todos lá – sitiantes e moradores – bebem bastante cerveja e cachaça. Esse não é o nosso caso e nunca estamos nas festas dos sitiantes. Essa postura faz muita diferença. Como sabem que não vamos? Pelas mulheres da vila que cuidam das casas de muitos homens são caseiros. Por que não vamos? Todos sabem que para nós seria somente a repetição da vida da cidade e não nos propomos a isso. Somos vistos como pessoas que participam da vida da comunidade, levando e realizando projetos conjuntos espontâneos e efêmeros (se assim for para ser). Procuramos cada vez mais nos manter distantes dos humanos da cidade grande porque a vila de Rio Bonito de Cima não é um parque de diversões nem ponto turístico.

Há um ano comprei um pequenino sítio na própria vila, ao lado da moradia de um dos patriarcas (77 anos de idade) locais, que se tornou meu amigo e com quem sempre mantive uma excelente relação dado nosso temperamento brincalhão.

Meu vizinho tem vários filhos, sendo vivos cinco, três mulheres e dois homens. Uma das filhas tornou-se minha amiga ao longo dos anos, tem 52 anos e agora cuida de minha casa quando não estou lá. Um dos irmãos, mora no caminho de minha serventia, tornou-se também amigo e agora está consertando minha casa. Todos os dias me visita no final da tarde, tomamos um café e prosemos durante meia hora, não mais do que isso. Ele mesmo diz que se falar demais, o assunto acaba logo. Vida de cidade pequena. Falamos sobre política, construções, ecologia, arte, materiais e o que mais quisermos. Muitos moradores na vila têm televisão em casa, mas os bares não, o que é ótimo porque conversa-se mais

entre si. Embora a vila seja minúscula, quase todos trabalham fora, em obras, na lavoura ou nas casas de sítiantes. No bar colocam suas questões em dia.

Ao longo do último ano fui-me tornando mais próxima e mais aceita pelos habitantes, mesmo que ainda um pouco incrédulos quanto minha opção de vida. Tenho sempre o cuidado de obedecer a certas regras: ser boa ouvinte, saber claramente que sou uma mulher com função social diferente dos homens de lá, que creem tudo saber, nunca emitir opinião sem antes apresentar dúvida de conhecimento, respeitar o fato de que eles conhecem a terra, a ecologia local, a ação do tempo e os perigos que enfrentamos diariamente, como cobras, lacrais, escorpiões e aranhas peçonhentas, e nunca passar notícias adiante, a popular fofoca. Minhas ações devem ser cuidadosas, porém firmes. Ser aceita é também ganhar a confiança, então, falar por falar e não realizar, não é bom.

A aproximação para obter dados tem sido a cada dia mais acessível, mas ainda assim, segredos de fantasias e projetos, tanto como esconderijos na mata, jamais serão abertos para qualquer pessoa, e essa regra não vale só para mim. Tentei ajudar um amigo da vila certa vez, mas ele desconversou e pronto. Sem mágoas.

Sinto-me bastante à vontade para conversar e colher dados sobre o carnaval porque sou aceita dentro dos limites do que uma comunidade de pequeníssimo porte acolhe, ou seja, a conversa flui normalmente e minha curiosidade é exposta sem que se sintam invadidos ou usados, e de fato não me sinto atuando dessa forma. Aprendo muito a cada conversa e deixo clara minha posição de aprendiz também.

Eventualmente alguém tenta me vender uma fantasia, nunca oferecendo diretamente, mas tecendo longo círculo em torno do assunto. Tomo o cuidado de não me colocar como uma pessoa de fora, que poderia comprar uma fantasia, porque não quero estabelecer essa linha de contato, uma vez que moro mais tempo lá do que na cidade do Rio de Janeiro e em breve serei uma fantasiada.

Em 2009 fui convidada pela comunidade e pela assistente social a fazer parte de um júri num concurso de fantasias que aconteceu naquele ano e, assim, na hora dos empates, eu chamava sempre o patriarca amigo para o voto de Minerva. Foi bastante divertido, e todos participaram. Saber respeitar as pessoas do local é uma porta aberta ao bom convívio.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A origem do Carnaval da Moita de Rio Bonito de Cima perdeu-se no tempo. É merecedor de investigação e documentação mais aprimorada, mais detalhada com imagens referentes ao longo do tempo, que acreditamos só existir com

o advento do celular e da câmera fotográfica digital, o que nos colocaria num espaço-tempo de 10 anos atrás como ponto de partida.

Foi possível encontrar uma manifestação de origem alemã e, dado seu caráter educativo e amedrontador, mais provável luterana, em Santa Catarina, durante o Natal (CASTRO, 2015), na cidade de Guabiruba e com manifestações estéticas semelhantes às do nosso objeto de estudo; o tempo, porém, foi escasso para procurar pontos em comum. É uma informação que merece mais atenção.

Em Rio Bonito de Cima os colonos eram analfabetos em sua maioria e nenhum viajante/cronista foi à região documentar suas vidas e cotidiano. O que nos chegou foram os relatos orais que, como sabemos, se vão alterando a cada contador, a cada ouvinte.

Os atuais moradores da vila sabem que seus parentes vieram da Suíça, mas nem sequer sabem se falavam francês, alemão ou dialetos. Essas questões atrapalham um pouco o desenvolvimento da pesquisa, mas, por outro lado, a possibilidade de partir de um ponto histórico que é a própria vida dos moradores agora me agrada bastante, porque as tradições são vivas, elas não estacionam. Tradições do carnaval da moita, vivas, hoje devem ter no máximo 40 anos.

A população ainda possui majoritariamente pele clara, olhos azuis, cabelos louros, sotaque quase mineiro, que não se identifica em nenhum outro local perto de Nova Friburgo, e se sente totalmente brasileira, o que efetivamente é.

Algumas questões ficam como indagação: antes do início dos concursos na década de 1980, quando não havia a disputa, certamente havia a fantasia; segundo o morador que propôs o concurso, houve grande diminuição das manifestações carnavalescas no local ao longo da década de 1970 e início da de 1980, e o concurso incentivou a comunicadae a retomar o ritmo antigo. As pessoas daquela época estão agora muito idosas, com a memória meio fraca, dificultando o acesso ao passado; então, agora, talvez seja muito importante contribuir para que o carnaval da moita não desapareça.

Outra questão é que, há aproximadamente 10 anos, os participantes do carnaval de Rio Bonito começaram a usar sacos de plásticos para fazer as fantasias; no entanto, por seguir uma linha que não desenvolvi aqui, não os incluí no processo de confecção dos palhaços.

São praticamente todas iguais, e a originalidade vai-se perdendo, mas não podemos negar sua existência; por isso acreditamos que em breve devemos abordar essas fantasias também nas pesquisas. Documentá-las e entrevistar quem as usa é uma possibilidade a ser pensada no futuro, esperando, entretanto, que elas não se tornem a ordem do dia.

Um dos problemas das fantasias de plástico, que não agradam a muitos, é que não são recicláveis e não voltam para o local de onde vieram, a natureza. A ideia de as fantasias serem elaboradas dentro da mata com vegetais que depois retornam à natureza é uma noção de integração ao meio em que vivem. As de plástico são geralmente largadas nas estradas e lá ficam até que alguém tome a iniciativa de jogá-las na lixeira da cidade, que só é limpa uma vez por semana.

Durante a pesquisa, os dados bibliográficos que conseguimos não se referem ao carnaval, mas sim aos problemas dos colonos, que não foram poucos, à forma de vida, às dificuldades de assentamento das famílias, doenças, nascimentos e mortes. É preciso desenvolver mais o trabalho e garimpar referências do carnaval da região

Nas festas do carnaval de Rio Bonito, muitos participantes fantasiam também seus carros, carroças e outros veículos, mas aqui não foi possível ainda explorar essa linha de expressão, que também faz parte do carnaval e é muito interessante, até porque, por mais absurdo que pareça dado seu tamanho avantajado, são confeccionadas também em sigilo.

Este artigo certamente é o primeiro que aborda a manifestação carnavalesca de Rio Bonito de Cima e pode servir de referência para outros pesquisadores interessados. Acreditamos ser uma boa contribuição também por ter sido realizado por contato direto com a comunidade e por ampliar a possibilidade de desdobramentos da pesquisa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Álisson. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho leva: percursos históricos, usos e sentidos atribuídos ao Pelznickel em Guabiruba, SC. Dissertação (Mestrado em Patrimônio cultural e sociedade), Universidade da Região de Joinville, Joinville, SC. 2015.

JACOD, Raphael L. de S. História, contos e lendas da velha Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Múltipla Cultural. 1999.

MEIER, Bastien. Carnaval Evolène. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=WJaEnj7drKw>. Acesso em: 24 mar. 2016. 2014.

PAPE, Cristina. Plantas utilizadas no Carnaval da Moita, Rio Bonito de Cima, Rio de Janeiro. Disponível em: http://issuu.com/cristinapape/docs/vegeta___o_e_fantasia.docx?workerAddress=ec2-54-226-208-111.compute-1.amazonaws.com. Acesso em: 28 mar. 2016. 2016.

ROMAIN, Boisset. Au coeur du cortège à Evolène. Canal9valais. Valais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5PyKgsmDOKM>. Acesso em: 26 mar. 2016. 2015.

Cristina Maria Pape é artista plástica, Doutora em Linguagens Visuais pela EBA-UFRJ, Mestre em Psicologia da Educação pelo IESAE-FGV, Bacharel em Ciências Biológicas e Professora Adjunto do Instituto de Artes-Uerj.